



A MIRAGEM DO PORTO

THE PORT MIRAGE

Estefânia Francis Lopes¹

Recebimento do texto: 10/03/2018

Data de aceite: 20/04/2018

RESUMO: Nesta análise de poemas e contos cabo-verdianos, a saber: dos poemas “Quando a vida nascer”, de Mário Fonseca e “Herança”, de Aguinaldo Fonseca e dos contos “Traição do tempo”, de Dina Salústio e “Puchinho”, de Manuel Ferreira, daremos enfoque ao sentimento de evasão presente no tema da insularidade. Acrescentaremos à análise um diálogo com a música popular brasileira, que a partir das letras de suas canções se aproxima do sentimento de evasão.

PALAVRAS-CHAVE: literatura cabo-verdiana; evasão; insularidade; música popular brasileira.

ABSTRACT: In this Cape Verdean poems and short-stories analysis: poetry namely “Quando a vida nascer” of Mario Fonseca, “Herança” of Aguinaldo Fonseca, and the short stories Dina Salústio's “Traição do Tempo” and Manuel Ferreira's “Puchinho”, we will focus on the future's evasion feeling on Insularity theme. We will sum up the analysis a dialogue with Brazilian popular music, that, from lyrics of its songs approaches to this evasion feeling.

KEYWORDS: Cape Verdean Literature; evasion; insularity; Brazilian Popular music.

¹ Mestra em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Graduada em Letras pela mesma instituição. E-mail: estefaniaestephan@gmail.com





*O que vocês diriam dessa coisa que não dá mais pé?
O que vocês fariam pra sair dessa maré?
O que era pedra vira corpo
Quem vai ser o segundo a me responder?
Andar por avenidas enfrentando o que não dá mais pé
Juntar todas as forças pra vencer essa maré
O que era pedra vira homem
E o homem é mais sólido que a maré.*
Milton Nascimento

A literatura cabo-verdiana apresenta alguns temas recorrentes, como o terra-longismo, a seca/a chuva, o milho/a fome e a insularidade, temas estes que se entrecruzam e que são tratados de diversas maneiras por escritores de Cabo Verde desde os claridosos, movimento literário de escritores ligados à revista *Claridade* (1936 a 1960), até os pós-claridosos. Nesta breve análise daremos enfoque ao sentimento de evasão presente no tema da insularidade a partir de poemas e contos cabo-verdianos aos quais acrescentaremos um diálogo, ou ainda, uma ponte com a música popular brasileira que, a partir das letras de suas canções, procuramos estabelecer uma aproximação do sentimento de evasão. Trataremos aqui dos poemas “Quando a vida nascer”, de Mário Fonseca e “Herança”, de Aguinaldo Fonseca; e dos contos “Traição do tempo”, de Dina Salústio e “Puchinho”, de Manuel Ferreira. Enquanto as canções selecionadas para o diálogo são “A ponte” e “Miragem do porto”, de Lenine, “Segue o seco”, de Carlinhos Brown e “Cordas de aço”, de Cartola.

Segundo Manuel Veiga no livro *Cabo-Verde, Insularidade e Literatura*, a insularidade, presente na primeira parte intitulada “O Ciclo do Mar”, se apresenta como uma das principais “colunas da literatura cabo-verdiana” (1998, p. 06). A insularidade está presente na geografia das ilhas que constitui o país, que pode gerar um sentimento de solidão diante do vasto mar, e também está presente no seu clima com longos períodos de seca, na história de Cabo Verde e como questão existencial para o islenho. A





necessidade de fuga de um local que apresenta tantas dificuldades de sobrevivência, como a seca que leva à fome, ou o sentimento de estar distante do resto do mundo e preso atrás das “grades” das ondas do mar, trazem o sentimento de evasão, ou seja, da imaginação poder transportar o homem para além das dificuldades. Nosso primeiro diálogo com a música popular brasileira são os versos a seguir de “A ponte”, do músico pernambucano Lenine, que vem ao encontro desse sentimento dividido, tão cabo-verdiano, de querer partir mas ter de ficar por amor ao seus hábitos e costumes.

[...] Este lugar é uma maravilha
Mas como é que faz pra sair da ilha?
Pela ponte, pela ponte
A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento.”

Nos versos do poema “Quando a vida nascer”, de Mário Fonseca, encontramos na primeira estrofe e no início da segunda essa sensação de ser prisioneiro e de, ao mesmo tempo, “do outro lado da grade – terra”, o amor à Terra natal (1999, p. 91 e 92):

Aqui,
Soterrado no fim do mundo,
Prisioneiro do destino e do mar,
Contemplo das grades da minha prisão
O cenário habitual
-Azul rolante – cemitério de ilusões –
Caminho interdito para o mundo
Para a vida pujante adivinhada
Além, atrás do horizonte
Que se aproxima e se afasta
Na miragem volante
Do sonho
Do dia a dia
Esmagado entre dois paredões: terra e mar...





(No fundo a revolta...)

Do outro lado das grades – terra...,
Terra árida
Terra faminta
Terra que chafurda no drama secular
Da chuva que cai e não cai
Terra amada
Cantada nas *mornas* da alma das gentes
Terra condenada (não pela natureza)
No fundo da negação à vida [...]

Cada verso do poema de Mário Fonseca indica uma reflexão sobre a situação do islenho que, prisioneiro da terra e do mar, se defronta com uma terra árida e faminta ao mesmo tempo que amada. Os versos também apresentam o ritmo do balanço do mar que faz o horizonte se aproximar e se afastar, enquanto o vocabulário traz o sentimento de evasão nas palavras *miragem* e *sonho* que logo se deparam com a realidade do dia a dia. A Terra cantada pelo poeta é também cantada nas *mornas* populares, Terra que esconde “em cada esquina um violão”. Essa mesma Terra é a mulher de “Mil afagos/ Mil vidas/ Em seios opulentos/ Esperando a primeira manifestação máscula do homem/ Para despontarem em vida eletrizante/ Despedaçando o marasmo/ Abrindo novos caminhos” (FONSECA, 1999, p. 94). No espaço apresentado no poema deambulam um bêbado, um vencido que não lutou, uma prostituta que caminha com “seu corpo morto”, um gato vivo que se cala logo após protestar por medo do silêncio da derrota “pressentida na alma do pai”, este último, que carrega a enxada no ombro. Mas, segundo o eu lírico, não encontraremos nesse espaço profetas, terroristas, revoltosos, gênios, criminosos, cientistas, pintores ou poetas. Estes, só encontraremos “quando a vida nascer”, pois os versos apontam *caminhos novos* “Que não indicam o mar/ Que não sugerem a fuga” (FONSECA, 1999, p. 94), sugerem ficar na Terra, caminhos que apontam a esperança, caminhos que indicam a ação do homem ao estrangular o medo e o conformismo e que apontam sobretudo a





vida. A negação à vida “aponta o caminho da luta”. Nos versos finais do poema, o mar é representado como “mais prisão”, enquanto a terra é a Terra de profetas, de terroristas, gênios, revoltosos etc. *rumo à vida*.

Doravante passemos para o poema de Aguinaldo Fonseca, “Herança”, no qual o legado deixado pelo avô escravo são as ilhas. Segundo os seus versos, as ilhas querem ser navios e por isso restam “nafragadas entre mar e céu” (1999, p. 58). Além de encalhado, o eu lírico sente-se também encarcerado, enquanto o único movimento é o das ondas e de seus sonhos, mas estes últimos não são sonhos tranquilos, pois têm *as asas desfeitas, deslocam-se como répteis e enroscam-se raivosos*. A última estrofe do poema traz imagens recorrentes da poesia cabo-verdiana, a mulher que é mar e que atrai, a bruma, o vai e vem das ondas e uma espécie de monotonia na repetição das palavras (FONSECA, 1999, p. 59):

Como tu
também tenho a esmola do luar
e por amante
essa mulher de bruma, universal, fugaz,
que vai e vem
passeando à beira- mar
ou cavalgando sobre o dorso das borrascas
chamando, chamando sempre,
na voz do vento e das ondas.

Para dialogar com este poema de Aguinaldo Fonseca, estabelecemos uma relação com a letra de outra música de Lenine. Em consonância com as ilhas que desejam ser navio, dos versos de “Herança”, a canção “Miragem do porto”² traz imagens do eu lírico que ora se sente navio, ora se sente ilha, como também imagens de um navio que sonha em encontrar uma ilha e de

² O título da canção de Lenine: “Miragem do porto”, inspirou o título deste artigo, pelo tema desenvolvido na letra da canção e pela imagem da miragem de um porto, tão próximos do sentimento de evasão.





uma ilha que sonha em ser encontrada por um navio, e o sentimento de evasão muito bem representado na *miragem do porto como reconforto para o sono*:

Eu sou aquele navio
no mar sem rumo e sem dono.
Tenho a miragem do porto
pra reconfortar meu sono,
e flutuar sobre as águas
na maré do abandono
Ê lá no mar
Eu vi uma maravilha.
Vi o rosto de uma ilha
Numa noite de luar
Êta luar
Lumiou meu navio,
Quem vai lá no mar bravio
Não sabe o que vai achar.
E sou a ilha deserta
Onde ninguém quer chegar.
Lendo a rota das estrelas,
na imensidão do mar
chorando por um navio
ai, ai, ui, ui
Que passou sem me avistar.

Ao nos voltarmos para a prosa cabo-verdiana, encontramos no conto “Traição do tempo”, de Dina Salústio, a imagem do crioulo tornado “violentamente agressivo” pela traição a que se refere o título do poema. O crioulo torna-se “desamado” pela falta de chuva, por esperá-la meses e de não ser gratificado. Duas frases, que formam respectivamente o terceiro parágrafo: “As ruas, os espaços, o tempo tornam-se violentamente agressivos. E o crioulo com eles” (1994, p. 61), como também o sexto parágrafo do conto, nos trazem a dimensão da tristeza e da violência que a falta da chuva causa nos islenhos: “A violência toma a dimensão maior e alguém envergonhado fala em fome” (1994, p. 61).

Para afastar-se de tamanha tristeza, violência e miséria o narrador foge dos seus e de si próprio. O sentimento de evasão transborda ao refugiar-se





“no engano do sonho que me ensinaram a sonhar” e “tudo fica calmo”. Em ensaio sobre a insularidade, no citado livro organizado por Manuel Veiga (1998), Dina Salústio reflete sobre a necessidade de escritores e poetas explorarem “até à exaustão” o realismo do espaço cabo-verdiano, uma vez que, segundo a autora, “realismo para o ilhéu é o que ele vê, o que projecta e o que fantasia nos cheiros do mar que o isola do resto do mundo [...]” (1998, p. 34). No conto “Traição do tempo” nos deparamos com uma realidade crua e dura, assim como, com a possibilidade de fugir, por meio do sonho, isto é, da evasão, para uma ilha regada *de verdes de chuva*, para o conto finalizar nos trazendo a imagem de uma realidade por enfrentar: a cidade, as gentes e os amores secos. Nossa ponte agora é com a música *Segue o seco* do baiano Carlinhos Brown, presente no disco da carioca Marisa Monte (em sua sensível interpretação para os versos):

[...] A trovoada seca
Na enxada seca
Segue o seco sem sacar que o caminho é seco
sem sacar que o espinho é seco
sem sacar que seco é o Ser Sol
Sem sacar que algum espinho seco secará
E a água que sacar será um tiro seco
E secará o seu destino seca
Ó chuva vem me dizer
Se posso ir lá em cima prá derramar você
Ó chuva preste atenção
Se o povo lá de cima vive na solidão
Se acabar não acostumando
Se acabar parado calado
Se acabar baixinho chorando
Se acabar meio abandonado [...].

Finalizaremos nossa análise com o conto “Puchinho”, de Manuel Ferreira, narrativa circular, indicando logo no início o que ocorrerá no fim: “Como os anos passaram. Como o tempo rolou nesse ritmo que se escapa aos projetos aos sonhos aos anseios – e ficam os esforços falhados” (1966, p. 17).





A imagem que vem a seguir é a de um vapor partindo e os amigos refletindo e observando do muro do cais. O personagem Puchinho também tomará esse rumo? Ao menos sonha com isso. O conto muito sensível, ao criar imagens de afetividade entre os amigos, a ilha e seus hábitos, e bem construído, na conjugação entre forma e conteúdo, traz uma linguagem muitas vezes próxima da fala e não há uso de pontuação em algumas passagens, lembrando os modernistas brasileiros, referencial presente para os escritores cabo-verdianos. Alguns diálogos também complementam a narrativa e há uma evidente intertextualidade com a literatura de Cabo Verde quando o personagem Puchinho retoma o trecho de um poema de Jorge Barbosa.

Segundo Dina Salústio no ensaio já citado, para se tentar abordar a literatura de Cabo Verde se é obrigado necessariamente “a penetrar na intimidade das suas mulheres e dos seus homens” (1998, p. 33), como vemos na seguinte passagem do conto de Manuel Ferreira, em que homens, mulheres e miúdos são retratados caracterizando o tempo e o espaço:

Dia de mala. [...] Homens sujos e rotos curtidos de grogue farras sexo privações desenganados batidos mondongados dormiam ao sol. Mulheres sentadas no chão inexpressivamente olhando [...]. Chusma de miúdos sem vida e sem destino. Soldados macambúzios e relaxados [...]. Uma preguiça velha se coava da beira do cais e tolhia os gestos os modos. Até as palavras. [...] (FERREIRA, 1966, p. 18)

Puchinho sonha com sua partida da ilha, mas o chamado do amigo Brito o tira do sonho convidando-o para a realidade da noite de mornas, serenatas e assim eles partem “para a conquista da cidade detida pelo mar”. A morna mais antiga de Cabo Verde, “Branda-Maria”, é atirada para a noite “num sabor de crioulo fundo”. Puchinho volta para casa e dorme envolvido por um sono mansinho como a morna. Nossa última ponte com a música popular brasileira, “Cordas de aço”, do ilustre carioca Cartola, nos leva a





estabelecer uma relação com a sedução das mornas cabo-verdianas, na evocação do violão e da mulher amada:

Ai, essas cordas de aço
Este minúsculo braço
Do violão que os dedos meus acariciam
Ai, esse bojo perfeito
Que trago junto ao meu peito
Só você, violão, compreende porque
Perdi toda alegria

E, no entanto, meu pinho
Pode crer, eu adivinho
Aquela mulher até hoje está nos
esperando
Solte o seu som da madeira
Eu, você e a companheira
À madrugada iremos pra casa cantando.

Dentre os percursos da escrita cabo-verdiana procuramos analisar como a insularidade se faz presente tanto na lírica quanto na prosa, como bem exemplifica Dina Salústio:

E nesta viagem ao encontro da literatura, antes de qualquer outra visão, surge-nos o mar enorme e sem fim, ditando o rumo, traçando rotas, revelando distâncias, marcando o silêncio. Imposições que vão definir as relações entre a ilha e o ilhéu, e que no conjunto, e no desenrolar, se pode chamar de insularidade, à qual o escritor se entrega, por razões de sobrevivência existencial, emocional e profissional (SALÚSTIO, 1998, p. 33)

Nesta senda, procuramos refletir sobre a diversidade de um panorama “de gerações e sensibilidades diferentes” (VEIGA, 1998, p. 6), por meio dos escritores aqui evocados, construtores da literatura cabo-verdiana, esta que se mantém em constante diálogo com o outro, em sua “afirmação assumida de uma criouldade com personalidade recriada diante do outro”, segundo análise de Manuel Veiga (1998, p. 10). E foi por essa brecha de “vocaçao ao





diálogo e à cooperação”, da abertura da literatura cabo-verdiana para além das suas ilhas que aproximamos dos versos da canção brasileira, também com uma proposta de diversidade de gerações e sensibilidades, como os versos da canção “Cais”, de Milton Nascimento.

Para quem quer se soltar invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
Invento lua nova a clarear
Invento o amor e sei a dor de me lançar
Eu queria ser feliz
Invento o mar
Invento em mim o sonhador
Para quem quer me seguir eu quero mais
Tenho o caminho do que sempre quis
E um saveiro pronto pra partir
Invento o cais
E sei a vez de me lançar.

Concluindo, diante das adversidades, sejam elas passionais ou existenciais, sociais ou históricas, a palavra escrita e/ou cantada ao mesmo tempo que revela, ultrapassa os limites da realidade. Na literatura cabo-verdiana “a insularidade isleña afigura-se como o resultado da luta e dos desafios que nascem no próprio chão das ilhas” e nesse reencontro “da água com a terra, do homem com o mar”, afirmada por Veiga (1998, p. 9), o projeto literário “ganha forma e conteúdo”. Assim como resumem os versos do paraibano Pedro Osmar, “plantar felicidade na vida da nação, é coisa de poeta navegar na contramão”.

Referências

FERREIRA, Manuel. “Puchinho”. In. **Morna**, Braga: Início, 1966, p.17-28.
FONSECA, Aguinaldo. “Herança”. In. Secco, Carmem L. T. R. (coord.), **Cadernos de Letras Africanas 2, Antologia do Mar na Poesia Africana de**





Língua Portuguesa do Século XX, VI. II, Cabo Verde, Faculdade de Letras UFRJ, 1999, p. 58 e 59.

FONSECA, Mário. “Quando a vida Nascer”. In. Secco, Carmem L. T. R. (coord.), *Cadernos de Letras Africanas 2, Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do Século XX*, VI. II, Cabo Verde, Faculdade de Letras UFRJ, 1999, pp.91-95.

SALÚSTIO, Dina. “Traição do Tempo”. In. **Mornas eram as noites**, Praia: Instituto Caboverdiano do livro e do Disco, 1994, p.61 e 62.

_____. “Insularidade na Literatura Cabo-verdiana”. In. Veiga, Manuel (coord.), *Cabo Verde, Insularidade e Literatura*, Paris: Rarthala, 1998, p.33-44.

VEIGA, Manuel. Introdução. In. Veiga, Manuel (coord.), **Cabo Verde, Insularidade e Literatura**, Paris: Rarthala, 1998, p.5-14.

Letras das canções

BROWN, Carlinhos. “Segue o seco”. Disponível em: <http://www.marisamonte.com.br/pt/musica/verde-anil-cor-de-rosa-e-carvao/letra/segue-o-seco>. Último acesso em 27 de maio 2018.

CARTOLA. “Cordas de aço”. Disponível em: http://www.cartola.org.br/letra/20_letra_cordas_de_aco.htm. Último acesso em 27 de maio 2018.

LENINE. “Miragem do porto”. Disponível em: <http://www.lenine.com.br/discografia-lenine/olho-de-peixe/>. Último acesso em 28 de maio 2018.

_____. “A ponte”. Disponível em: <http://www.lenine.com.br/discografia-lenine/o-dia-em-que-faremos-contato/>. Último acesso em 28 de maio 2018.





NASCIMENTO, Milton. “Cais”. Disponível em:
<http://www.miltonnascimento.com.br/letras.php>. Último acesso em 27 de maio 2018.

_____. “Saídas e Bandeiras nº 2”. Disponível em:
<http://www.miltonnascimento.com.br/letras.php>. Último acesso em 27 de maio 2018.

OSMAR, Pedro. “Mote do navio”. Disponível em:
<http://www.lenine.com.br/discografia-lenine/o-dia-em-que-faremos-contato/>. Último acesso em 03 de junho 2018.

